



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16868 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 12 - Currículo

Inseminações curriculares: fabulação outra

Nathália Terra Barbosa - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

INSEMINAÇÕES CURRICULARES: FABULAÇÃO OUTRA

A ciência não se ensina

A ciência insemina

A ciência em si

(A ciência em si, Gilberto Gil)

De modo a corroborar com “a tarefa de uma teoria curricular comprometida com a alteridade” que “é pôr em questão os seus próprios fundamentos” (Macedo, 2017, p. 551), esse trabalho emerge de uma pesquisa em currículo que exercitou colocar em conversação corpos teóricos TQ (teoria quântica, teoria *queer*, num trabalho quimérico) junto à Teoria Q/Curricular. Incentivada pelo conselho de Strathern (2015) – as ideias que usamos para pensar em outras ideias são importantes – passei a realizar uma imersão pelo campo da filosofia da diferença, estudos feministas e *queer*, *Science Studies*, e diversas autoras que não abandonaram as práticas das ciências do exercício de pensamento, mas encontraram nos contornos da materialidade científica contemporânea um mote para reconfigurações da natureza da substância viva com as quais me parece interessante dialogar, a fim de esgarçar os contornos das histórias tributárias do antropocentrismo pela fricção com uma poética das ciências.

Embora reconheça que a ciência possa ter uma dimensão dura, molar, territorializável,

de mãos dadas a Stengers (2016) ousar pisar ali onde os anjos não ousam pisar, “ou, se quisermos, dançar nos salões onde a modernidade apagou suas luzes” (Stengers, 2016, p. 157), seguindo, tropeçadamente, pelas linhas moventes desse território ou salão para atentar a essa dimensão menor, isso que vai sendo silenciado das práticas científicas para pensar o que essa ciência pode insemear a teoria de currículo abrindo-a à fabulação, essa forma mesma de criação que possibilita a constituição de um novo corpo à medida que coloca em conexão íntima elementos que pareciam incomunicáveis. Uma vez que “Qualquer resposta da teoria de currículo à alteridade envolve interrogar as nossas reivindicações ontológicas” (Ranniery, 2018, p. 997), misturar alquimicamente intercessores conceituais da física quântica e os sentidos partilhados pelas tradições das teorias curriculares, configura-se uma experimentação teórica em meio à ciência, currículo e filosofia, que considera a fricção de saberes como um convite a uma prática de curiosidade e de abertura às experiências e aos mundos possíveis despertados nas relações com outros seres.

Em tempos que “demandam certeza de forma desconcertante – em associação com conhecimentos que diferem e subjetividades em constante produção, rejeição, transformação, recriadas dentro da relacionalidade diária chamada educação” (Miller, 2014, p. 2057), parece-me instigante considerar na teorização curricular a retomada de um diálogo com as ciências numa dimensão mais especulativa, experimental e probabilística para lidar com a incognoscibilidade, um “entendimento do currículo como o que ainda não podemos conhecer – ou talvez nunca possamos?” (Miller, 2014, p. 2057). Isso porque, percorrer as linhas dessa ciência menor (Deleuze; Guattari, 1997) nos arrasta rumo ao invisível da materialização do mundo provocando uma perturbação na hierarquia da escala de visibilidade interessante para interrogar as teorizações curriculares cujo excepcionalismo humano nos cega. Também propõe uma retomada da discussão da matéria, do material e da materialidade, tradicionalmente obliterada do campo educacional. E alude, ainda, a uma inescapável discussão com o tempo, ao tornar problemática a ideia moderna de temporalidade linear e determinista sustentada por noções de causa e efeito.

Logo, partindo dessas discussões onto-epistemológicas, o movimento de procurar fazer das ciências territórios de especulação imaginativa filosófica, considera sua aberrância e força de impulsionar o pensamento para que ele saia de sua imobilidade natural, de seu estupor, e permite a exploração de novas maneiras de pensar o mundo curricular e reimaginar a educação, quase sempre pensada como o campo que irá destacar e formar o antropos separado das relações que o sustentam e suportam. Com isso, não estou interessada no que a ciência ensina, mas na ciência em si, no animismo imanente às suas práticas, no modo como ela desfaz a realidade como conhecida, desmancha a trama dessa realidade em pedaços, uma realidade mais sutil feita primordialmente de relações em vez de objetos, de especulação em vez de certezas, de movimento contínuo ao invés de equilíbrio estático.

Fazer roçar ciência e estudos em currículo parece, via “enlace ou o corpo a corpo” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 199) de suas composições, oferecer uma saída inventiva desde a iterabilidade que currículo parece fornecer ao insistir em noções de progresso numa lógica

linear, teleológica e antropocêntrica. Provocar o pensamento a indagar se não seria a visão nítida e sólida característica da teorização curricular inescapavelmente humanista e progressista uma ilusão, fruto da nossa miopia, admite as dimensões éticas, estéticas e poéticas que poderiam advir desde o encontro dessa ciência com os sentidos partilhados pelas teorizações curriculares (projeto, formação e indivíduo), e contribui para abrir “espaço para surpresas e ironias no coração de toda produção de conhecimento” (Haraway, 1995, p. 38) como a abertura ao incomensurável de que nos fala Janet Miller (2014).

Contudo, importa menos abdicar da formação, do indivíduo ou do projeto, mas seguir vasculhando por entre os cacos produzidos na fricção desses mundos em sobreposição para remontá-los num esforço poético de fabulação de outros modos curriculares atentos ao infinito, à vibração e à delicadeza. Algo que se aproxima do trabalho objetivo de estabelecer pontes (Stengers, 2017) entre “parceiros” cujo papel “não é apenas responder a perguntas, mas também, e primordialmente, responder a elas de uma maneira que teste a relevância da pergunta em si” (Stengers, 2017, p. 4) criando sempre novas perguntas.

E se a teoria de currículo mirasse o cosmos e não o indivíduo a ser formado?

Palavras-chave: currículo, ciência, fabulação

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia – vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? 3a ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, v. 5, p. 7-41, 1995.

MACEDO, Elizabeth. Mas a escola não tem que ensinar? Conhecimento, reconhecimento e alteridade na teoria do currículo. Currículo sem Fronteiras, v. 17, n. 3, p. 539-554, set./dez. 2017.

MILLER, Janet. Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. Revista e-Curriculum, v. 12, n. 3, p. 2043-2063, out./dez. 2014.

RANNIERY, Thiago. Vem cá, e se fosse ficção? Práxis Educativa, v. 13, n. 3, p. 982-1002, 2018.

STENGERS, Isabelle. Uma ciência triste é aquele em que não se dança: Conversações com Isabelle Stengers. Entrevista concedida a DIAS, et al. Revista de Antropologia, v. 59, n. 2, p. 155-186, 2016.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Caderno de Leituras, n. 62, p. 2-15, mai. 2017.

STRATHERN, Marilyn. Sobre modos de pensar e fazer antropologia: entrevista com Marilyn Strathern. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, v.17, 2015.